

Dupl. 7.

A
ERIVALDA

REVISTA SEMANAL
LITTERARIA E RECREATIVA

REDACTOR EM CHEFE

Dr. Constantino Gomes de Sousa

EDITOR

F. de Paula Brito

BIBLIOTECA NACIONAL
S. L. R.
3928
52



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

64—PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO—64

1861

A GRINALDA

Revista Semanal Litteraria e Recreativa

Publica-se quatro a cinco vezes por mez : uma brochura de 2 a 4 folhas de impressão (16 a 32 paginas). Subscreeve-se na praça da Constituição n. 64, Typographia de Paula Brito, editor.

REDACTOR EM CHEFE — DR. C. GOMES DE SOUSA

A GRINALDA

Quando o Brazil já tão adiantado vai no caminho do progresso material, desgraçadamente muito pouco tem progredido, se é que não se acha estacionario, no mundo da intelligencia.

Emquanto em seu seio estendem-se vias ferreas, cavam-se diques, canalisa-se a terra, navegam-se rios, elevam-se estatuas e a vida palpita vigorosa e larga nas arterias deste grande gigante; pequenos, muito pequenos relativamente são os esforços que se envidam para o desenvolvimento das letras, para o nosso aperfeiçoamento intellectual.

O indifferentismo com que em geral são acolhidos os fructos da intelligencia, a quasi nenhuma aceitação que entre os nossos homens encontram as publicações litterarias, são causa desse desanimo que a pouco e pouco vai amesquinhando tantos e tão bellos talentos, tantas e tão brilhantes vocações e que acabará por aniquilal-os de todo.

E' que para uma epoca de calculo e positivismo, como a que vai passando, a materia é tudo, é uma verdade que attinge os sentidos; o espirito é um problema, cuja solução pertence a Deus. Ninguém portanto se importa com o espirito ante as imperiosas exigencias da materia!

Entretanto — *nosce te ipsum* — está escripto no portico do templo de Delphos: — *conhece-te a ti mesmo* — é o grito supremo da consciencia do sabio; é uma dessas verdades eternas que o Creator

transmitte á creatura, quando esta, pelo estudo profundo e consciencioso, sabe elevar o seu espirito ás alturas da Divindade.

Nosce te ipsum — é a grande palavra de Deus, proferida por Bías e que veio remir a intelligencia humana das trevas do erro e da ignorancia. Com ella Deus quiz fazer-nos sentir a necessidade absoluta que temos de illustrar e aperfeiçoar a nossa intelligencia, conhecendo-nos a nós mesmos.

E' deste conhecimento que derivam as grandes idéas, as grandes concepções. E' pelo conhecimento perfeito do *eu* que as grandes sociedades se estabelecem, as sabias leis se promulgam e o verdadeiro progresso caminha.

E o paiz que não se tiver compenetrado desta verdade escripta no portico do templo grego, jazerá sempre abysmado na treva da ignorancia; por conseguinte insusceptivel do verdadeiro progresso. No espirito do ignorante o instincto do bruto supplanta a razão do homem.

Cumpra, pois, que aquelles, que ainda não se deixaram dominar pelo esteril positivismo do seculo, façam alguma cousa em favor da intelligencia e altamente protestem contra o brilhante paradoxo de Rousseau.

Rousseau é um dos maiores e mais ardentes apóstolos da verdade philosophica; mas é homem, algumas vezes claudica.

As letras, as sciencias, e as artes não são, como elle debalde quiz provar, a causa da ruina e da quéda dos Estados; a causa unica é a profunda ignorancia dos que os dirigem; é o absoluto desprezo do *nosce te ipsum*.

Cumpra que os poucos crentes da religião do pensamento impavidos levantem a sua bandeira e a través das turbas descritas e indifferentes, que lançam-lhes em face o riso do desprezo ou do escarneo, caminhem cheios de fé e coragem para o grande triumpho da intelligencia, como esses valentes soldados da guerra santa que, a través das hostes inimigas de infieis, iam plantar o estandarte victorioso da Cruz nas planicies de Ramá ou nos campos de Ascalon e repousar das suas longas affadigas sob as palmeiras altivas de Iduméa.

Para a mocidade intelligente e estudiosa o futuro é tudo; é a corôa de gloria que Deus lhe reserva occulta nos mysterios da sua Omnipotencia.

Publicando a — GRINALDA —, não temos em vista obter gloria de natureza alguma, porque somos o primeiro a reconhecer a nossa defficiencia de forças para tamanho commetimento, que immenso commetimento é na verdade a publicação de um

periodico litterario na epoca do reinado quasi exclusivo da materia e entre absynios apedrejadores do sol.

O nosso unico fim é convidar todos os moços de talento para a gloriosa cruzada da intelligencia, para protestarem vigorosamente contra o dèmonio do indifferentismo que cada vez mais se apodera da nossa sociedade e, como uma parasita, rouba-lhe a seiva e impede o seu completo desenvolvimento.

Sabemos que, como tantos outros, o nosso periodico terá de fanar-se brevemente no meio dessa atmosphera de gelo em que vai viver; e se ousamos augurar-lhe vida um pouco mais prolongada, é porque tem de encetar o curso da sua existencia no mesmo dia em que teve de realizar-se uma grande promessa de Deus em favor dos futuros destinos do Brazil; em que o vagido de uma criança recém-nascida annunciava o herdeiro do throno, o futuro protector das letras patrias.

E' esta a sua principal garantia de vida; é talvez este o seu primeiro merito.

SAUDAÇÃO

AO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1861

FELIZ ANNIVERSARIO NATALICIO

DE

SUA MAGESTADE O IMPERADOR

O SENHOR D. PEDRO II.

A natureza dos grandes acontecimentos sociaes ennobrece ou avilta o nome e o nascimento daquelles que os promovem, e lhes confere uma immortalidade sympatica ou odiosa, abençoada ou maldita.

Ha 18 seculos, diante de um berço humilde a realza da terra depoz os seus sceptros dourados e abateu no pó a sua fronte orgulhosa.

E' que sobre a palha desse berço repousava, embora ainda infante, Aquelle que poucos annos depois devia fazer com a sua palavra poderosa e divina estremecer a magestade dos Cezares sobre o pedestal da sua grandeza e do seu poder absoluto; proclamar a liberdade dos povos, lançar por terra os velhos preconceitos, abolir os direitos absurdos da autocracia; nivelar a humanidade inteira diante da razão e de Deus e sellar a grande obra da nossa redempção com o seu sangue, derramado no Golpho.

O Evangelho é a divina epopeia que atravessará todos os seculos, narrando aos povos a vida gloriosa do grande martyr do Gethsemani; é o celeste pharol da verdade que nos aponta o caminho da eterna gloria por meio do amor e da piedade.

Por esse livro divino aprendemos amar e adorar o nome da victima condemnada pelo synedrio; e se não fôra o proprio Deus humanado, se Christo fosse apenas um grande homem, a razão humana ainda assim não repugnaria adoral-o como Deus que é.

E assim como o amor o odio, assim como a virtude o crime tem tambem a sua immortalidade.

A historia de todos os tempos ha de amaldiçoar o reinado sombrio e pavoroso de Nero. O estranho espectaculo de uma grande capital em chammãs lançará sempre o seu sinistro clarão á mais remota posteridade, transmittindo á memoria de todas as gerações o nome execrando do filho de Agrippina, do amigo-devasso dos histriões, do soberano matricida, do matador infame e covarde de Octavia e Popéa.

Nero foi como Atila o flagello da humanidade, immortalisouse no crime; maldição para elle.

Ha 36 annos o Brazil tremia, cheio de tristes apprehensões, diante de um throno sem herdeiro; e derepente um astro mimoso veio com a sua luz dissipar a escura treva que envolvia o horizonte politico do Brazil, e converter as tristes apprehensões do povo em doces esperanças.

E então grandioso e bello antolhou-se-lhe o porvir, o jubilo nacional subiu de ponto, todos os corações palpitarão cheios de crença, de todos os labios partio um protesto santo de eterno amor e gratidão a Deus e os ares estrugiram com os vivas e as acclamações do povo.

Era um espectaculo verdadeiramente sublime o que representava o Brazil no dia 2 de Dezembro de 1825! Mas tudo isso, todo esse immenso movimento, toda essa ruidosa alegria, todas essas grandes esperanças do povo podiam ser uma cruel men-

tira, o clarão precursor da tempestade; e pois, passado o primeiro enthusiasmo, o povo reflectio e esperou.

E a vergontea mimosa da arvore genealogica de reis, o augusto descendente da Casa de Bragança ia crescendo, desenvolvendo-se bello e ostentoso, como desenvolve-se e cresce tudo quanto nasce debaixo do bello sol dos tropicos e sob o influxo poderoso desta magnifica natureza, até que um dia, quando apenas contava quatorze annos de idade, tomou nas debeis mãos as pesadas re-deas da governança.

Foi um novo dia de profundo jubilo; mais uma vez os vivas e as acclamações enthusiaslicas do povo atroaram os ares e as fortalezas arremessaram longe o eco ruidoso dos seus canhões, como annunciando aos mares as alegrias da terra.

Mas todas essas alegrias podiam resolver-se ainda n'um desengano amargo e cruel, os primeiros annos do reinado de Pedro podiam annunciare o tyranno de Roma! E o povo reflectio e esperou ainda.

E as esperanças do povo pelo nascimento do principe, e o immenso jubilo pela Sagração do Joven Imperador, foram confirmados e justificados bem cedo pelas brilhantes virtudes, pela alta sabedoria do grande Monarcha!

E é porisso que o glorioso dia 2 de Dezembro, em vez de ser uma pagina maldita e negra na historia politica do Brazil, tornou-se o objecto do culto e da quasi adoração dos brazileiros que amam deveras o seu paiz.

E a GRINALDA, que hoje enceta a sua vida, banhada na luz celeste deste dia abençoado, não pode deixar de partilhar os sentimentos que animam os corações patrioticos e associar a sua voz humilde aos canticos do povo para saudar o glorioso anniversario natalicio d'Aquelle cujo throno é hoje o mais forte baluarte das liberdades patrias, e cujas grandes virtudes fazem a felicidade dos seus subditos e asseguram ao Brazil um grandioso futuro.

Salve! dia mimoso, por Deus abençoado! Salve brilhante sol cujos raios divinos trouxeram-nos, como um presente do Eterno, o sagrado penhor da grandeza moral do Imperio de Santa Cruz! Immortal 2 de Dezembro, em que os brazileiros viram as suas mais bellas e queridas esperanças encarnadas na Augusta Pessoa do seu Caro Monarcha, tres vezes salve!

S. M. A IMPERATRIZ

Senhora!

E' sempre doce quando em um horisonte infinito e sem nuvens que annunciem proxima tormenta, vemos ir assomando bello e radioso por entre os cantos epicos da natureza o mesmo sol que alluminou-nos o berço e recebeu o nosso primeiro grito ao passarmos do mundo dos mysterios para o da penosa realidade.

E quando não vivemos isolados na terra, quando ao contrario as mais puras e santas affeições identificam a nossa alma com a de outrem, é bem doce ainda, Senhora, podermos saudar no remanso do prazer e da felicidade a aurora meiga e orvalhosa desse dia que commemora o nascimento da pessoa que nos é cara.

Dia de verdadeiro prazer e de felicidade immensa deve de ser o de hoje para Vós, como é para o Brazil inteiro que convosco se fraternisa no amor sincero e profundo que consagra ao seu Soberano.

Ave mimosa e angelica, transportada a estranhos climas, longe do brando calor do vosso berço, privada dos ternos affagos maternas, depois de haverdes entoado o derradeiro canto de eterna despedida ao bello céu azul da vossa Italia, ás verdejantes e sonoras margens dos rios da patria, quanto não devieis ter soffrido, Senhora, ao ver-vos quasi sosinha nestas longinquas regiões da America!

Profunda saudade devia ter despedaçado uma por uma todas as fibras do vosso piedoso coração; e durante a vossa viagem: quanta lagrima pungente e dolorosa não se deslisou pela vossa fronte augusta, quanto soluço não entregastes ás brisas da noite na immensa solidão dos mares, quantas vezes os vossos olhos não erraram em torno em procura de uma sombra ao menos dos entes queridos que acabaveis de deixar, e só encontraram a realidade cruel!

Não pôde avaliar dôr tamanha, senão aquelle que um dia teve de apertar em seus braços os mais caros penhores das suas affeições e balbuciar por entre lagrimas e soluços o primeiro e talvez ultimo adeus de eterna despedida.

E essa dôr tanto maior e mais pungente devia ser-vos, quanto

não podieis formar uma idéa exacta do paiz que vos esperava, não conheceis os povos, cujos destinos tinheis de proteger, nem sabieis ainda qual o character e os sentimentos d'Aquelle que a Providencia vos destinava por esposo.

Nesta incerteza, Deus sómente poderia comprehender as vossas agonias intimas, o mysterioso palpitar do vosso coração. Apesar do immenso prestigio da realza, de que vos vieis cercada, comtudo, muita vez a timidez propria do vosso sexo vos faria convencer de que eris infeliz, de que como a flôr melindrosa, arrancada do patrio tronco por ignotos ventos, verieis fanar-vos em terra ingrata á falta de orvalho, de luz e de calor.

E Aquelle que vos enxugasse o pranto, que vos desbotava as faces, e soubesse preencher o immenso vazio aberto em vossa alma pela ausencia da patria, devia merecer-vos muito amor; e esse amor, Senhora, tanto mais puro e santo deveria ser, quanto mais profunda e cruel a dôr da vossa saudade.

Effectivamente Aquelle, cuja vida viveis, possuia todos os grandes attributos proprios para vos lenir as saudades do vosso berço e fazer-vos substituir as santas affeições de vossos augustos paes pelo doce amor conjugal.

Deveis por conseguinte amal-o muito.

Elle é pois o eleito do vosso coração, Senhora; a vossa alma identificou-se com a d'Elle na cummyhão sublime e santa dos grandes sentimentos. Não póde Elle gemer sem que seus gemidos vos dôam profundamente n'alma, não póde Elle sorrir sem que os seus sorrisos reflectam na vossa fronte angelica e veneranda a alegria intima do vosso coração.

E Vós, que amais os brazileiros tambem, como se foram vossos irmãos na patria, Vós que tanto amais o Brazil, como se fôra a vossa formosa Italia, e prodigalisais todos os dons celestes do vosso espirito em bem deste paiz, de que sois o idolo, Vós não deixareis certamente de alegrar-vos com as alegrias do povo, nem de saudar comnosco um dos mais gloriosos dias nacionaes, quando védes que na correnteza dos tempos reflecte-se brilhante e ditosa a aurora que ha 36 annos annunciou ao Brazil o nascimento do seu defensor perpetuo.

Comprehendendo o legitimo e santo prazer que vos anima hoje, Senhora, a redacção da *Grinalda* saúda a Augusta Esposa de Pedro, e a Deus eleva ardentes votos para que por longos annos possaes fruir o mesmo jubilo de hoje entre as benções dos brazileiros que vos idolatram e que em Vós e no seu Monarcha vêem a viva e brilhante personificação dos seus gloriosos destinos.

INDUSTRIA NACIONAL

Em Agosto de 1860 um missionario capuchinho erigio uma Cruz no alto de um monte fronteiro á Cidade de Ouro-Preto, Capital da Provincia de Minas Geraes. O povo saudou com tres dias de festa o zelo religioso do frade capuchinho e projectou logo elevar uma capella no monte onde se plantára uma Cruz.

Correu um anno e quando se tinha de repetir o festejo, saudando o symbolo da redempção, que fora erigido na montanha, um vereador da Camara Municipal de Ouro-Preto propoz que se estabelecesse nesse monte uma feira ou exposição industrial para ser assim festejado o dia 7 de Setembro.

Idéa tão bella e grandiosa encontrou echo em toda a Provincia de Minas. Construiu-se um edificio industrial no monte da — Santa Cruz — e os mineiros commemoraram o dia 7 de Setembro com uma festa industrial, com a primeira exposição de productos da sua provincia; era a recordação mais gloriosa que se podia fazer do brilhante dia da emancipação politica do Brazil.

No monte de — Santa Cruz — erigiram os mineiros o seu primeiro palacio industrial; ahi patentearam pela primeira vez a riqueza e a industria da extensa Provincia de Minas Geraes.

Parece que a Cruz do Redemptor, elevada sobre uma montanha da Provincia, inspirára e guiára o povo para aquella festa, repetindo-lhe as palavras do Creador Supremo « *trabalha que eu te ajudarei.* »

No mesmo dia em que se inatigurava a primeira exposição industrial da Provincia de Minas, na Côte era exposta ao publico nas salas do Museo Nacional uma rica collecção de productos naturaes e relativos a industria, usos e costumes da Provincia do Ceará.

Essa collecção de productos industriaes fora colligida pelo Snr. Dr. Manoel Ferreira Lagos, nas suas excursões nessa provincia como membro da commissão scientifica.

O povo correu ás salas do Museo para ver a exposição preparada pelo Snr. Dr. Lagos.

Parece que até então sabia-se que o Brazil tem rios que podem ser igualados aos mares, arvores que parecem elevar-se ás nuvens, minas repletas de ouro e diamantes, mas parece que se ignorava que este paiz tivesse industria, julgando-se-nos atrasados a esse respeito como os Esquimós ou Samoyedas ou outros povos dessas raças degeneradas.

Não nos demoraremos em mencionar os productos da Provincia o Ceará, que foram então expostos ao publico; todos ainda se recordam dos objectos delicados, das obras de grande trabalho

e paciência que se tornaram notáveis nessa exposição, que demonstrou evidentemente que o Brazil já podia fazer também exposições industriaes.

E desde então se tratou de preparar exposições na Côrte e nas Provincias de productos industriaes de todo o Imperio.

A exposição da Côrte, que ha de ter lugar nas salas do edificio da Academia Militar, deve ser aberta ao publico no dia 2 de Dezembro.

Será um dia de grande festa e de duplo regozijo; as salvas que annunciarem o natalicio do Imperador, annunciarão também a inauguração da primeira festa industrial feita no Brazil.

E quando, mais tarde, os productos da nossa industria apparecerem na exposição universal, que ha de ter lugar em Londres no anno futuro, reconhecerão as nações que o Brazil também caminha para o progresso e que póde apparecer nessas solemnidades deste genero, que dão idéa da civilisação dos povos e que contribuem para a paz e a harmonia, que devem haver entre todo o genero humano.

Moreira de Azevedo.

ROSAS E SAUDADES

A vida é como a roseira
Cheia de folha e de flor;
Se esta vive pelo orvalho,
Vive aquella pelo amor.

Quando sobre as follas della
Não cahe sol do coração,
Das folhas abotoadas
Não se desprende o embryão.

Das viçosas esperanças
Nenhuma fica no pé;
E o vento que leva as folhas
Leva com ellas a fé,

Tambem me enfeitei das flores
Que esse sol costuma abrir,
E no meio de outras—estas,
Estas poderam florir.

Um dia, dia funesto,
Má ventania as levou,
E do rico e verde arbusto
O tronco apenas ficou.

E, por milagre, do tronco
Que o vento me empobreceu,
Regada por outro orvalho
Outra folhagem nasceu.

Deu flores:—eram saudades,
Pobres flores derradeiras....
Estas, o vento as respeita,
E valem mais que as primeiras.

M. A.

O ABRIR E MURCHAR DA FLOR

Volta o colo, as hasteas ergue
Linda planta aveludada,
Co'a brisa da madrugada
Sahe do deliquio e pendor,
E como que accorda e junta
Dos iris infindas bolhas
Com que se enfeitam as folhas
D'aurora no primo albor.

E' a vida que se expande
Em tenues bagos de pranto,
Que da noite em doce encanto
Multiplica-lhe o verdor.

E' a vida que da terra
Se prende ao astro do céu,
E quê da noite no' véo
Occulta os brilhos da cor.

Dessa planta, imagem bella
Da noiva ao sorrir primeiro,
D'esperança um céu inteiro,
Um céu inteiro de amor;

Dessa planta d'entre as folhas
Mimoso botão a custo
Pouco e pouco e como a susto
Do sol se mostra ao ardor.

Uma folha preguiçosa
Se abre ao sopro da manhã;
Outra logo e mais louçã
Se expõe com brando tremor;
Desinquieta borboleta
Vae tocar-lhe impertinente;
Outra folha de repente
Entreabre em doce rumor.

O passarinho subtil
Vae sorver-lhe os puros bagos,
Colher primeiros affagos
No mais intimo da flor:

Eis se estalam duas folhas!
Tres e mais... todas! Então
O que antes era botão
Se torna perfeita flor.

• • • • •
Volve o dia, o sol derrama
Os raios que a planta prostram;
Ja duvidosos se mostram
Os mil encantos da flor.
Frescos sopros desiguaes
Espancam ramos, na lida
Vae a flor perdendo a vida
Em reclinado languor.

La vae á tarde o besoiro
Sinistro em torno zumbir-lhe,
Murchas folhas arrair-lhe
Augmentando-lhe o torpor!....
Ludibrio de vis insectos.
Tem a flor rudes vai-vens:
Na tortura dos desdens
Perde alfim todo vigor.

Chega a noite, a flor exhausta
Uma folha cahir deixa
Como triste, amarga queixa
D'um seio que afflige a dor.
Duas.... tres folhas desprende!
Muitas.... todas logo após!....
E a haste s'encontra a sós
Ante o insecto roedor.

Da planta junto á raiz
No chão a folha dispersa,
Mostra a noite quão diversa
E' do passado esplendor.

Demanhã perfume e vida,
Demanhã o mimo, a graça :
A' noite acerba desgraça,
Estrago, morte, terror!

A. J. A.

PENSAMENTOS

Gosto.

Cumprê que as mulheres, embora nem sempre o demonstrem, depositem reciprocamente grande confiança no seu juizo e no seu gosto. Um homem é uma mercadoria que, circulando entre as mãos dellas, assume por algum tempo um grande valor, que afinal perde totalmente, o que na verdade não deixa de ser de ordinario justo. (*Mme. de Charrière*).

Valor.

Comquanto o valor não seja a virtude das mulheres, é comtudo certo que ellas muitas vezes commettem a injustiça de preferirem pessoas que por unica virtude só têm o valor, a outras que têm muitas e mais bellas qualidades. As mulheres que nada têm de valentes, nem por isso deixam de amar os homens que o são ; e, ou porque sua fraqueza natural faça com que ellas olhem o valor dos homens como um arrimo nescessario, ou porque a sua vaidade mais se lisongee, vencendo os vencedores, ou porque o esplendor das ações heroicas conquiste a admiração de todos, é sempre certo que as mulheres amam os homens valentes e desprezam os covardes. (*Mlle. Scuderi*).

Vaidade.

A vaidade, paixão que se torna grande somente pela pena que inspira e que não pode, senão por este unico motivo, andar a par com as outras, desenvolve-se perfeitamente nos movimentos das mulhe-

res: tudo nellas é—amor e vaidade. Dês do momento em que desejam sobresahir umas ás outras de um modo mais saliente e mais brilhante do que aquelle que procede dos sentimentos brandos que costumam inspirar a tudo quanto as rodeia, é ao successo da vaidade que ellas recorrem. — Os esforços que podem valer ao homem gloria e prestigio, quasi nunca obtem da mulher senão um applauso ephemero, um credito de pouca importancia, e não passa aos seus olhos em fim de um triumpho como o da vaidade, deste sentimento que está em relação com as forças e o destino dellas. (*Mme. de Staël*).

Nas mulheres o *fanatismo* da *dedicação* é sem limites, quando lhes é inspirado pelo amor. — Duplica-lhes a força, dá-lhes uma energia omnipotente e as torna muitas ves capazes dos maiores sacrificios. Esta força, porém, dura justamente o tempo necessario para consumarem o acto de abnegação que ellasprehenderam; depois cahem como aniquiladas. (*Mme. Flora Tristan*).

As mulheres entendem que só faltam aos seus deveres, cançadas de resistirem por longo tempo ás persuasões dos homens. Não têm razão; e se fossem de boa fé, confessariam que são quasi sempre ellas as primeiras que os seduzem de um modo tanto mais seguro, quanto mostram não ter essa intenção. (*Mme. d'Arconville*).

CHARADA NOVA

Na flor, no fructo tambem,	1
N'uma metade do anno;	1
Com outra metade alem,	
Nas palmas me ostento ufano:	1
Com terrivel amargor.	2

CONCEITO

Do silencio e noite filha,
Pezar, prazer e lembrança,
Desespero na esperanza,
Dor que abate e não humilha,
Deleite d'alma em torpor.

A. J. A.

OS

TRES COMPANHEIROS DE INFANCIA

DRAMA EM 4 ACTOS

PELO

Dr. C. Gomes de Sousa.

MARÇO DE 1861.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO

1861.

PERSONAGENS

SILVERIO, negociante, 30 annos, cunhado de Romualdo.

ROMUALDO, moço rico, 24 annos, irmão de Angelica.

ANGELICA, 25 annos, mulher de Silverio.

ELVIRA, filha de um pescador, 20 annos, mulher de Guilherme.

GUILHERME, vadio, 32 annos, amigo de Romualdo.

RENOVATO, vadio, 25 annos, dito, dito.

JACINTHO, 28 annos, artista, amigo de Silverio e Romualdo.

BONIFACIO, 35 annos, empregado publico, amigo de Romualdo e Silverio.

EUSEBIO, 26 annos, dito, amigo dos dous.

FERNANDO, 32 annos, advogado, amigo dos ditos.

ANTONIO, 40 annos, hespanhol, criado de Mardocheu.

MARDOCHEU; capitão do exercito, 25 annos.

JULIO, supposto filho de Guilherme, 25 annos.

IRENE, filha de Silverio e Angelica, 15 annos.

Delegado de policia, soldados, seis ciganos, criados, etc.

O primeiro acto passa-se na Bahia, os tres actos no Rio de Janeiro.

Epoca — Actualidade.

OS

TRES COMPANHEIROS DE INFANCIA

ACTO PRIMEIRO

O ENVENENAMENTO NO BAILE

O Theatro representa um gabinete rico. Ouve-se musica nos salões interiores.
A scena passa-se na capital da Bahia.

Scena I.

SILVERIO, ANGELICA E ELVIRA.

SILVERIO.

O que é que assim te incommoda, Angelica?

ANGELICA.

Pois ainda você m'o pergunta, Silverio?

SILVERIO.

Receias então que Guilherme se atreva a fazer-me alguma desfeita em represalia do insulto que lhe dirigi?

ANGELICA.

Receio, meu amigo. E se eu soubesse que Romualdo o convidaria, certamente deixava-me ficar em casa e então não haveria o que houve.

ELVIRA.

Acho prudente retirarmo-nos, D. Angelica.

SILVERIO.

E' o que quizerem . . .

ANGELICA.

Romualdo tomaria por uma desfeita . . .

ELVIRA.

A senhora diria que sentindo-se incommodada . . .

ANGELICA (*interrompendo-a*).

Não acreditava se lh'o dicesse; havia de julgar que eu pretextava qualquer incommodo para retirar-me por causa de Guilherme. O mais prudente será ficarmos conversando aqui até mais tarde . . .

SILVERIO.

No entanto vou aproveitar a sorte enquanto me corre favoravel no jogo. O que te peço, porém, minha bôa Angelica, é que não te amofines com aquelle incidente.

ANGELICA.

Peço-lhe tambem, Silverio, que evite qualquer questão com aquelle moço . . .

SILVERIO.

Quanto fôr possível, minha flôr; não te dê cuidado. (*Beija-a na testa e retira-se*).

Scena II.

ANGELICA E ELVIRA.

ELVIRA.

Vio, D. Angelica, a maneira porque me trata Guilherme? Como se eu não fôra sua mulher. Amaldiçoada a hora em que me casei com elle!

ANGELICA.

Nós as mulheres, D. Elvira, parece que nascemos predestinadas a dar o exemplo da resignação no soffrimento:— soffrer e calar é talvez a unica e triste missão da mulher na terra!

ELVIRA.

E' a sociedade que assim tem estabelecido:—o homem manda e ao seu mais leve aceno obedecemos.

ANGELICA.

Se antes de effectuar-se o seu casamento, D. Elvira, eu tivesse o prazer de já conhecê-la, decerto a senhora hoje não seria mulher de Guilherme.

ELVIRA.

Não tive essa dita; a minha má estrella assim o quiz.

ANGELICA.

Em toda esta cidade, creio, não ha quem lhe vote verdadeira affeição; só meu mano. Ainda os moços mais pervertidos me parece que fogem d'elle como de um leproso.

ELVIRA.

Pois admira como o Snr. Romualdo, com tão bons e elevados sentimentos, pôde entreter tão estreitas relações de amizade com um moço cujo fim talvez terá de ser bem desastrado.

ANGELICA.

E' que as naturezas, como a de Guilherme, têm a propriedade do camaleão que muda de côr a todas as horas. Elle terá sabido procurar o geito de tornar meu irmão tão seu amigo. Mil vezes minha mãe, Silverio e eu, temos-lhe feito sentir quanto lhe é prejudicial e deshonrosa a amizade d'aquelle moço.

ELVIRA.

E o que responde seu mano?

ANGELICA.

Surdo e inflexivel ás nossas admoestações responde-nos sempre com desabrimento; diz que já não precisa de censor; que Guilherme não é tão mau como querem-n'o fazer e, quando o fosse, razão demais teria elle para franquear-lhe a sua amizade, visto que com ella podia prevenir que o seu amigo, cedendo aos seus maus instinctos, viesse a commetter algum crime capaz de perdê-lo para sempre.

ELVIRA.

Isso mesmo prova a nobreza da sua alma,

ANGELICA.

Na verdade seria um procedimento muito louvavel, se taes fossem effectivamente os fins das suas relações com Guilherme e as suas boas intenções se realisassem. Desgraçadamente, porém, nada disso acontecerá talvez, porque Romualdo é uma criança, sem experiencia alguma do mundo,

dotado de uma imaginação muito viva, de uma natureza ardente, sensível, amante dos prazeres e das aventuras. Todas estas qualidades, que sob a influencia unica de bons conselhos e exemplos, teriam de dar os mais bellos fructos, perverter-se-hão talvez com os exemplos e os conselhos d'aquelle moço libertino.

ELVIRA.

Foram essas qualidades mesmas que me perdêram! . . Eu tinha, como seu irmão, D. Angelica, uma imaginação exaltada, uma alma cheia de sentimentos e um coração propenso ao amor, além de quatorze annos apenas de idade. Amei-o como sabe amar uma pobre donzella, privada de todos os prazeres nos melhores annos da sua vida e que não tem outra esperança, outro futuro senão o amor. E pois, eu concentrei neste sentimento todas as forças da minha alma aventureosa e sonhei o mais bello e risonho futuro, tanto mais risonho e bello quanto impossivel de realizar-se.

ANGELICA.

A alma de uma donzella nesta idade é uma flôr tão delicada e melindrosa que, se lhe faltam os esmeros de um bom cultor, qualquer sopro é bastante para desfolhal-a.

ELVIRA (*com sentimento*).

Foi o que me aconteceu. Filha de um pobre pescador paralytico em cima de uma cama, carregado de filhos ainda pequeninos, a gemerem de fome e a tremerem de frio, eu cedi ás promessas de seu irmão; a honra fraqueou na luta que havia travado contra estas duas fortes potencias: o amor e a miseria! E qual seria a donzella que, nas minhas condições, por mais inflexivel que fosse nos seus principios de honra, deixaria de dar o passo que eu dei, para arrancar das garras da miseria a sua familia de quem ella fosse a unica esperança de arrimo? Apesar de viver trabalhando noite e dia sem cessar, eu nunca podia, com o mesquinho producto do meu trabalho, occorrer ás necessidades de meu velho pai doente e dos meus irmãozinhos que eu via pouco a pouco irem definhando na mais horrorosa indigencia.

ANGELICA.

E nem sequer havia uma caridosa mão que buscasse aliviar o peso de tanta desgraça, minha amiga?

ELVIRA.

Talvez eu a encontrasse atravez do egoismo inflexivel dos homens, se quizesse procural-a; mas eu não sabia em que peito palpitava um coração verdadeiramente caridoso; e então não me animava a pedir uma esmola a quem não conhecia, temendo que, a titulo de caridade, o

primeiro, que estendesse a mão para socorrer-me, quizesse transigir com a minha honra, exigisse de mim uma infamia, um crime em compensação do falso beneficio que houvesse de prestar-me.

ANGELICA.

Exactamente; além disso, minha amiga, o mundo é tão iniquo, tão barbaro ás vezes que, ainda quando alguém procurasse generosamente aliviar o peso da sua indigencia, offerecendo-lhe por baixo da porta o obolo da caridade, o simples facto de ser a senhora uma pobre donzella, balda de todos os meios com que pudesse tratar sua familia com a decencia que depois apresentasse em virtude desse obolo mysterioso, esse simples facto seria bastante para que a senhora ficasse perdida para sempre no conceito do mundo.

ELVIRA.

E nessas circumstancias, uma donzella, que desse o passo que eu dei, não deveria encontrar para si mais compaixão na sociedade, menos severidade para o seu erro? Da parte de quem está o maior crime? Della que, sem experiencia, obedecendo aos mais poderosos impulsos do seu coração e arrastada pela miseria, cedeu ás lisongeiras promessas do homem que amava, esperando melhorar o estado da sua familia; ou do homem que só quiz, por um mero passatempo, zombar da innocencia da virgem, deshonorá-la, perdê-la? Entretanto, essa infeliz, traçoceiramente sacrificada aos caprichos de um libertino, é julgada, condemnada inexoravelmente pela opinião publica que a cobre de escarneo e de maldições! São os homens os unicos autores dos nossos erros e ao mesmo tempo os juizes que condemnam e amaldiçoam sem piedade a sua propria obra! . . . (*Ouve-se musica no interior; vão entrando em scena Guilherme e Renovato*).

Scena III.

AS MESMAS, RENOVATO E GUILHERME.

RENOVATO.

Mas . . . se acabas de soffrer de Silverio aquelle insulto, como vais tirar a mulher para dansar?

GUILHERME.

E' mesmo para mostrar o nenhum caso que delle faço. (*Aproxima-se de Angelica*). D. Angelica, dou parabens á minha fortuna por havel-a finalmente encontrado. Ha alguns 10 minutos que ando a procural-a.

ANGELICA (*com mau humor*).

Para que, senhor?

RENOVATO (*à parte*).

Mau ! . . .

GUILHERME.

Vai principiar a quarta quadrilha e eu desejo que V. Ex. não me recuse a honra de ser meu par.

ANGELICA (*com indiferença*).

Queira ter a bondade de dispensar-me.

RENOVATO (*a Elvira*).

Eu solicito de V. Ex. a honra de dansar comigo uma valsa, minha senhora.

ELVIRA (*com sorriso*).

Esperó do Snr. Renovato a mesma bondade de dispensar-me.

RENOVATO.

Oh ! . . . pois não, minha senhora . . .

GUILHERME.

Então a Sra. D. Angelica recusa-se ? . . .

ANGELICA (*interrompendo-o*).

Vamos, D. Elvira . . .

GUILHERME.

Não esperava semelhante acolhimento da sua parte, minha senhora; entretanto peço que me queira desculpar a ousadia que . . .

ANGELICA.

Com licença, senhor. (*Vai sahindo, Elvira acompanha-a depois de fazer com a cabeça uma leve mesura a Renovato*).

Scena IV.

GUILHERME E RENOVATO.

GUILHERME (*com rancor, olhando para Angelica que se retira*).

Orgulhosa . . . Os tempos talvez se mudem . . .

RENOVATO.

Tua mulher não é menos orgulhosa.

GUILHERME.

Aquillo é uma estúpida. Agradeço aquella boa joia ao Snr. Romualdo que m'a impingio, dando-me uns dez contos de réis que o diabo ha muito já os levou.

RENOVATO.

Bem; deixemos isso e vamos ao que serve.

GUILHERME (*sentando-se*).

Que temos de novo?

RENOVATO.

Estou hoje com um palpite de que hei de levar a banca á gloria.

GUILHERME (*bocejando*).

Que fazes que não vais aproveitá-lo?

RENOVATO.

Falta-me dinheiro.

GUILHERME.

Pois quem não tem dinheiro não sustenta vícios.

RENOVATO.

Vê lá se me podés emprestar ahí qualquer quantia. . . .

GUILHERME (*levantando-se*).

Deos o favoreça, irmão; bata em outra porta.

RENOVATO.

Empresta-me, Guilherme:

GUILHERME (*com arremesso*).

Com os diabos, homem! Já te disse que quem não tem dinheiro não sustenta vícios.

RENOVATO.

Peior é essa!.. Estou-te a pedir com tão bons modos e tu a me responderes com quatro pedras nas mãos! Não me obrigues a perder a:

paciencia, porque então, o que me não queres dar por bem, dar-me-has á força. (*Guilherme encara-o com surpresa*). Tenho-te dito: obrigar-te-hei, já não a me emprestares, mas sim a me dares a quantia que eu quizer.

GUILHERME (*dando uma gargalhada*).

Parece-me que hebeste além da conta e deste para valentão, Renovato. Vai dormir que nisto fazes melhor negocio, rapaz.

RENOVATO (*com malícia*).

E não te pareça que estou cahindo de somno e, se não fôsse o diabo do palpito, eu tomaria o teu conselho e affianço-te que dormiria duas noites e dous dias seguidos, para recuperar algumas horas perdidas á noite passada.

GUILHERME (*impressionado*).

Talvez em alguma banca de laschinet.

RENOVATO.

Pois não!.. Cousa muito melhor.

GUILHERME.

Em casa de alguma bella apaixonada!

RENOVATO.

Mas não foi isso que me privou de dormir.

GUILHERME.

E o que foi então?

RENOVATO.

A curiosidade de ver praticar-se um roubo com a mais rigorosa perfeição do mundo. Apre!.. Aquillo é que é saber roubar!..

GUILHERME (*agitado*).

Um roubo? Mas aonde?

RENOVATO.

De que te espantas? Pois é cousa extraordinaria já saber-se de um roubo que se fez esta madrugada, apesar dos jornaes do dia não terem tido tempo de annuncial-o? Assim como todos já sabem, julguei que saberias tambem.

GUILHERME.

Pois vê lá como ando eu fóra dessas cousas, que até nem tinha ouvido fallar em semelhante roubo...

RENOVATO (*ironico*).

Creio-te piamente... porque lá diz o adagio: o maior surdo é o que não quer ouvir...

GUILHERME.

Que queres dizer com isso?

RENOVATO (*o mesmo*).

Simplemente que admiro não saberes de uma cousa que é hoje a questão do dia.

GUILHERME (*com mau humor*).

Mas porque admiras?

RENOVATO.

Porque o ladrão... segundo as apparencias...

GUILHERME (*tremulo*).

Dize... dize... o ladrão...

RENOVATO (*rindo-se*).

Dar-se-ha acaso que tenhas medo de ouvir fallar em roubo?

GUILHERME (*fingindo sangue frio*).

E' verdade; não gosto, porque vem-me logo a idéa de morte... e eu não tenho coração para essas scenas de luto.

RENOVATO.

E tens razão, rapaz; porque, além de roubarem e matarem o pobre do hespanhol, mataram tambem o seu guarda-livros.

GUILHERME.

Mas então sabe-se quem é o ladrão?

RENOVATO.

Se sempre o que se escreve n'uma carta é verdade...

GUILHERME (*cada vez mais impressionado*)

Uma carta? Pois existe alguma carta?

RENOVATO.

Em meu poder e que reza tudo: tim... tim-por tim... tim. (*Entram Jacintho, Bonifacio e Eusebio*).

Scena V.

OS MESMOS, JACINTHO, BONIFACIO E EUSEBIO.

JACINTHO.

Ora até que finalmente encontramol-o, Snr. Renovato... Silverio não anda por aqui?

RENOVATO.

Não; provavelmente estará no aposento da sogra.

GUILHERME.

Quem é que está ganhando?

BONIFACIO.

Romualdo que está um aborto de felicidade.

GUILHERME.

Justamente quem não precisa; entretanto eu, que nada tenho, perdi já hoje um dinheirão... O diabo leve a sorte.

EUSEBIO.

Pois devêras estimar a felicidade do teu amigo; sendo elle quem te supre as algibeiras, quanto mais ganhar, mais terás para gastar.

GUILHERME.

E tu ganhaste, Bonifacio?

BONIFACIO.

Estou hoje caipora como Judas.

EUSEBIO.

Cá o meu Jacintho é que não ganhou nem perdeu.

JACINTHO.

Nem pretendo jogar mais hoje.

RENOVATO.

Sempre te conheci medroso ao jogo.

GUILHERME.

Em ganhando ou perdendo uma certa continha, adeus, parceiro ; ninguém pode mais contar com o Snr. Jacintho de Mello.

JACINTHO.

Meus amigos, o dinheiro custa-me muito a ganhar e quanto ganho mal chega para sustentar minha mãe já velha e doente e duas irmãzinhas de quem sou o unico amparo. E' preciso andar com o prumo na mão e porisso, seis mezes no anno ninguém me vê em espectaculos e em divertimento de natureza alguma. Levo a trabalhar sem descanso noite e dia ; outros seis mezes, trabalho de dia e divirto-me algumas noites. Então é quando soboreio os divertimentos, os prazeres, as distracções como nenhum de vocês, porque todas estas distracções são sempre novas para mim. Só assim, meus amigos, é que eu tenho podido, mercê de Deos, obter o conceito e a estima de que gozo entre as pessoas que me conhecem. Tenho sempre em lembrança o adagio que diz : Quem vive sem conta, morre sem honra.

GUILHERME (*com ironia*).

Está bom para ajuntar-se com o philosopho Silverio, o novo Solon das duzias ; o homem dos adagios e das sentenças.

EUSEBIO.

Não perdes occasião de meter a rabeça em Silverio.

JACINTHO (*ironico*).

E o Snr. Guilherme tem toda a razão, principalmente hoje que recebeu d'elle uma lição de mestre, não ha muitas horas.

GUILHERME (*ironico*).

Oh! queira perdoar ; não me lembrava de que estava fallando em presença de um seu tão dedicado amigo. Ainda outra vez, perdão, Snr. Jacintho . . .

JACINTHO.

Sim . . . sim . . . está mais que perdoado, porque afinal nada disse o

senhor que verdade não seja. Sou amigo de Silverio e tenho muita honra em sel-o, porque a amizade de moços como elle é sempre uma fortuna para quem a merece.

TODOS.

Apoiado...

GUILHERME (*rindo-se*).

E' na verdade um excellente moço, um exemplar de todas as virtudes. Reputo-me desgraçado só porque não tenho a honra e a dita de possuir tão preciosa amizade.

RENOVATO.

Bem... o tempo vai passando e nada fazemos; entretanto eu preciso de uma decisão qualquer... (*Para os tres*). Já basta de palestra, meus senhores; façam o favor de retirar-se porque preciso de estar á sós com Guilherme.

EUSEBIO.

Vamos, rapaziada; não sirvamos de estorvo aos interesses do grande Renovato.

BONIFACIO.

Que está-me hoje assim com feições de official de justiça?..

RENOVATO.

Sim; serei tudo quanto quizerem, comtanto que desembarquem-me o beco.

JACINTHO.

Pois faça-se a sua vontade, amigo; adeus! (*Vão-se os tres*).

Scena VI.

GUILHERME E RENOVATO.

GUILHERME.

Deixa-me ver a carta de que fallaste.

RENOVATO (*mostrando*).

Eil-a.

GUILHERME.

Aonde a encontraste?